



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

GT 10: INFORMAÇÃO E MEMÓRIA

Modalidade de apresentação: Pôster

Memória, Informação E Identidade Negra Na Biblioteca Pública

Francilene do Carmo Cardoso

Universidade Federal Fluminense

Resumo

O presente artigo é resultado de reflexões teóricas para elaboração da dissertação *A Biblioteca Pública na (re) construção da identidade negra* aprovada em exame de qualificação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense. Buscaremos refletir aqui sobre as categorias Memória, História e suas distinções, principalmente as estabelecidas por Pierre Nora (1993). A memória aqui é entendida como uma construção social (Halbwachs, 1990). A memória oferece contexto de atribuição de sentidos para o reconhecimento da diferença, assim a reflexão sobre memória será conduzida no domínio da categoria silêncio e sua política, o silenciamento, tendo como aporte o estudo de Eni Olandi (2007) na reflexão sobre o processo de construção de identidades. Historicamente houve uma política de constituição de acervos que preservou a história da escravidão como referencial para a construção de nossa identidade e relegou ao esquecimento a contribuição do negro na sociedade brasileira. O profissional da informação/bibliotecário pode contribuir com a reconstrução da história de grupos subalternizados através da seleção e transmissão da memória e da informação.

Palavras-chave: Memória. História. Biblioteca Pública Identidade negra.



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

1 MEMÓRIA, HISTÓRIA E SILÊNCIO

A noção/conceito de memória vem passando por um processo de atualização epistemológica e política nas ciências sociais. No campo da Ciência da informação, o tema tem sido discutido nos últimos anos veja-se eventos, congressos, seminários, etc.

A Categoria memória também se constitui objeto de nossa atenção no desenvolvimento da dissertação do qual este artigo é parte. Entretanto, qual ênfase tem sido dada sobre a categoria no campo da CI pelos profissionais da informação/bibliotecários? Observamos que o destaque no debate neste campo tem se restringido ao entendimento de memória como dado, fato, registro de um passado, verdade, colocando em xeque a riqueza da discussão que a categoria pode nos proporcionar.

A memória diz respeito às experiências dos sujeitos, a forma de ver e viver o/no mundo, portanto, é diferente de história. De acordo com Pierre Nora (1993, p. 3) memória e história *não* são sinônimos,

A memória é a vida, sempre levada por grupos vivos e, por isso mesmo, está em evolução permanente, aberta a dialética da lembrança e da amnésia, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todas as utilizações e manipulações, suscetível a longas latências e a revitalizações repentinas. A história é construção sempre problemática e incompleta do que já não existe. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido com o presente eterno; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória só se acomoda por detalhes que confortam; ela se nutre de lembranças fluidas, que se interpenetram, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, é sensível a todas as transferências, filtros, censuras ou projeções. A história, porque é uma operação intelectual e laicizante, reclama análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história daí a desaloja, torna-a sempre prosaica. A memória surge de um grupo que ela solda, o que significa dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quanto grupos; que ela é, por natureza, múltipla e multiplicada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá a vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, e no objeto. A história agarra-se apenas às continuidades temporais, às evoluções e às relações entre as coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. [grifo nosso]

Como podemos observar memória e história não possuem o mesmo significado. A memória é uma construção social(Halbwachs,1990), elaborada e selecionada a partir das



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

problemáticas do presente, indicando que há possibilidade de atribuição de significações para o grupo que recorda e a História, administração do passado, de seu sentido, operação cognitiva.

Esta concepção de memória indica que pode haver tantas memórias quanto grupos. A memória se dá por meio das diversas experiências vividas e interpretações de variados segmentos sociais: “fica o que significa. E não fica de mesmo modo; às vezes quase intacto às vezes profundamente alterado [...]” (BOSI, 1994, p.27).

Isto nos leva a afirmar que a memória não é natural, mas uma escolha e nem tudo fica registrado, ela é seletiva, organizada em função das preocupações pessoais e políticas do momento: “todos sabem que até as datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político” (POLLAK, 1992, p.5). A experiência e o contexto determinam a estruturação da memória, o que demonstra que é possível ressignificar as narrativas sobre o passado.

Para Nora (1993), os Estados e os meios políticos são criadores da memória coletiva e os arquivos são criados em função dos usos que aqueles fazem. As comemorações, os arquivos, os museus, as bibliotecas, os cemitérios são o que o autor denomina de *lugares de memória*. Segundo ele, nossa sociedade criou os lugares de memória porque já não existem mais os meios de memória em que ela era vivenciada. Nesse sentido, e a partir das distinções apresentadas acima, podemos nomear estas instituições de *lugares de história* uma vez que incluem versões dos fatos em sua maioria a partir da visão dos chamados vencedores.

A memória é um processo psico-social de significação. A formação do que se lembra do passado é parte do processo de significação. A memória, assim é relevante para quem recorda, contribui para a construção da identidade individual e coletiva, é fator importante para a unidade, continuidade e coerência no processo de construção da identidade. Mas a memória é também um campo de disputas entre o que lembrar e



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

esquecer e não deve ser tratada como reconstituição total do passado; ela experimenta reconstruções motivadas por lembranças e esquecimentos.

A memória se constitui nas significações, nos sentidos construídos, na possibilidade de percepção e reconhecimento pelo indivíduo ou grupo que recorda, pode ser voluntária ou fruto de manipulações externa ao sujeito, passível de silêncios quando não é interessante recordar.

A construção social da memória dos afrobrasileiros ocorreu marcada por relações de poder e teve na sociedade brasileira, historicamente marcada por relações sociais e raciais desiguais, sérias conseqüências.

A história oficial brasileira, que ouvimos ainda hoje na escola, é uma história baseada em fontes escritas retratando uma narrativa na qual não nos identificamos, distante de nossa memória. Essa história oficial escolheu trabalhar com a memória histórica oficial, expressão de determinados segmentos sociais, e passou a construir mitos como, por exemplo, o das três raças para explicar a formação social brasileira.

Esta mistificação oculta a história real que revela a já existência de nativos, a chegada posterior dos colonizadores europeus brancos que, por sua vez, trouxeram os africanos na condição de escravos. Toda essa mistura étnico-cultural representa o desejo pela hegemonia por parte dos europeus colonizadores que já demonstravam ações preconceituosas quando em sua carta Pero Vaz de Caminha retrata os nativos como selvagens.

Essa prática de silenciamento pode ser compreendida através dos estudos de Eni Orlandi (2007, p.73) no livro *As formas do silêncio no movimento dos sentidos* quando demonstra que o silenciamento é uma política do sentido que “se define pelo fato de que ao dizer algo, apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis [...]”.



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

Orlandi (2007) trata o silêncio numa perspectiva discursiva, sendo ele constitutivo da linguagem mesmo que não seja possível vê-lo, a não ser através da sua contradição constitutiva. A leitura da autora nos possibilita a compreensão de que na memória histórica há informações que foram ignoradas, isto é, houve um recorte entre o que se diz e o que não se diz no momento da construção.

[...] se diz “x” para não dizer “y”, este sendo o sentido a se descartar do dito. É o não-dito necessariamente excluído. Por aí se apagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de uma “outra” formação discursiva, uma “outra” região de sentidos [...] (ORLANDI, 2007, p.73-74).

As histórias de luta e de resistência do povo negro foram vítimas de uma gama extraordinária de tentativas de silenciamento, o que fez com que a história que se conhece seja apenas uma história que é a versão euro-ocidental, formando uma única visão do negro.

Os Africanos (Malês, Sudanês, Banto, Mandinga, Angola, Mina, dentre outras etnias) foram trazidos para o Brasil e passaram a constituir a grande maioria da população nos períodos colonial e imperial da história política e social brasileira, registrando marcas culturais em todos os aspectos da vida deste país.

As histórias de luta e de resistência do povo negro foram vítimas de uma gama extraordinária de tentativas de silenciamento, o que fez com que a história que se conhece seja apenas uma história que é a versão euro-ocidental, formando uma única visão do negro.

Para a nigeriana Chimamanda Adiche (2009) o perigo da história única é que ela

[...] cria estereótipos e o problema dos estereótipos não é eles serem mentira, mas eles serem incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história. [...] Sempre achei impossível relacionar-me adequadamente com um lugar ou uma pessoa sem me relacionar com todas as histórias desse lugar ou pessoa. A consequência da história única é isso: rouba as pessoas de sua dignidade. Torna difícil o reconhecimento de nossa humanidade comum [...] (ADICHIE, 2009).

Essa história única que definiu a identidade do brasileiro é uma história que compõe os processos de significação do/sobre o negro, o que acarreta numa construção



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

de identidade negra distorcida, estereotipada, reforçando assim uma visão negativa da população negra.

2 MEMÓRIA AFROBRASILEIRA E O PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO

Antes de refletir sobre a memória afrobrasileira e a prática do profissional da informação/bibliotecário, é necessário destacar que quando falamos de memória afrobrasileira, estamos nos referindo às produções culturais dos africanos (Malês, Sudanês, Banto, Mandinga, Angola, Mina, dentre outras etnias) que para cá foram trazidos bem como dos seus descendentes que registraram marcas culturais em todos os aspectos da vida deste país. No Estado do Maranhão (MA), por exemplo, situado na região nordeste do país, segundo Gennari (2008) o primeiro contingente de africanos desembarcou no final do século XVII e começou a aumentar entre os anos de 1755 e 1777.

Ainda de acordo com este autor, nesse período aportaram no Estado cerca de 12 mil africanos, chegando em 41mil entre os anos de 1812 e 1820. Este fato possibilitou a construção de uma memória e uma identidade coletiva de forte presença africana no Estado: podemos observar isto na culinária com o arroz de cuxá; nas práticas religiosas com tambor de mina, candomblé, terêco; nas festas populares como bumba-meu-boi, cacuriá, tambor de crioula; na música, na dança, etc.

Todas estas expressões representam um quadro não apenas da contribuição da matriz africana na formação do país bem como a luta contra a opressão e a desigualdade social que tem os negros como principais vítimas neste país.

A memória afrobrasileira possibilita a construção de uma identidade e está relacionada, à oralidade, à cooperatividade, estética, à corporeidade, à musicalidade, à religiosidade, à ancestralidade, etc, marcadas por um processo de africanidade e de recriação cultural. É construída no dia-a-dia, através das relações estabelecidas entre as pessoas, grupos e o meio em que está inserida; negociada durante a vida toda através do diálogo aberto com o mundo interior de cada um e como este estabelece relação com o



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

mundo exterior. Assim se dá todo processo de construção da memória, em se tratando da memória afrobrasileira, esta enquanto memória social é considerada uma construção sócio-histórica, cultural, plural e política que implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos, sobre si mesmo a partir da relação com o outro, mas que também, há existência de questões de poder e de dominação de um povo sobre o outro.

Sendo assim, como os profissionais da informação/bibliotecários no Brasil têm se preocupado com o registro e a preservação da cultura desses povos? O trabalho com a memória afrobrasileira em Unidades de Informação e Centros de Cultura precisa levar em conta os modos de viver e sentir do povo brasileiro, que são reinventados cotidianamente. O profissional da informação/bibliotecário tem uma função fundamental nesse processo. Portanto, necessita compreender como diferentes culturas foram inferiorizadas no contexto etnocêntrico e racista na formação sociocultural brasileira; questionar os conteúdos que dissemina na biblioteca, bem como selecionar e enfatizar as representações positivas que têm sido impulsionadas pelo movimento negro brasileiro ao longo dos tempos, pois como é que se preserva e dissemina a memória histórica no século XXI se tem histórias que o profissional da informação/bibliotecário desconhece?

O trabalho informacional em biblioteca necessita de uma nova orientação que permita os usuários, independente de grupo étnico-racial, usufruir de iguais condições para exercer sua cidadania. Os valores africanos se apresentam como oportunidade possível para essa nova prática, esses valores estão presentes em toda a sociedade brasileira, em nós. Na biblioteca tomemos alguns aspectos observados pela autora que merecem maior atenção por parte dos profissionais quando do trabalhando com as heranças culturais africanas no cotidiano da biblioteca pública: a circularidade, a oralidade, a energia vital, a corporiedade, musicalidade, a ludicidade, o cooperativismo/comunitarismo, a memória, a religiosidade, a ancestralidade.

Na atualidade, as práticas para o fortalecimento da memória e da identidade negra compõem diferentes áreas, currículos escolares, conteúdos e metodologias. Sendo assim, pode estar presente nas bibliotecas públicas e nas práticas do profissional da



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

informação/bibliotecário. Através de suas práticas que vai desde a seleção de conteúdos a serem socializados pela biblioteca a ação cultural desenvolvida na biblioteca o profissional pode contribuir para a mudança do entendimento sobre a memória afrobrasileira.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola, os meios de comunicação de massa e a biblioteca por muito tempo se voltaram apenas para a memória europeia, marginalizando outras como as dos povos indígenas e negros quando estas são lembradas, muitas vezes são apresentadas de forma distorcida ou mesmo inferiorizadas.

A biblioteca pública reflete aspectos sócio-culturais do passado, entretanto é preciso refletir aspectos da sociedade atual e trazer em si carga que ligue a biblioteca às camadas populares. No que tange ao aspecto da informação, ela se apresenta de forma insuficiente na seleção, registro, preservação e disseminação da informação sobre o reconhecimento positivo da diferença que pode construir a identidade de determinados segmentos sociais.

O profissional da informação/bibliotecário tem um grande desafio que é o de trabalhar com seus usuários uma visão crítica da realidade e uma retrospectiva cultural em busca da identidade étnico/racial desses grupos, proporcionando um encontro temporal do usuário negro com seu grupo de origem, e do usuário não negro com a riqueza cultural do país. Para isso, é preciso que na sua prática profissional se volte para o registro e para a seleção de conteúdos informacionais e que estes sejam transmitidos de forma crítica, desconstruindo padrões culturais mediados através das informações transferidas.



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

Trabalhar com a memória da população negra exigirá dos profissionais da informação/bibliotecários um posicionamento (político dizemos nós) rumo a um compromisso com a questão racial, o que nos leva a pensar tanto em ações que visem afirmar esta população quanto na forma como profissionais da informação se preocupam com a questão e se posicionam frente a ela.

Abstract: This article is the result of the theoretical reflections made for the elaboration of the dissertation Public Library in the (re) construction of black identity approved in the qualification exam of Master in Information Science at Universidade Federal Fluminense. We reflect upon the categories of memory, history and their differences, principally those pointed by Pierre Nora (1993). Memory, here, is understood as social construction (Halbwachs (1990). Memory offers a wide range of meanings for the recognition of difference, so the reflection upon memory will be made upon the domain of silence category and its politics, silencing, taking as reference Eni Orlandi (2007) study. Historically it prevailed a politics of constitution of collections that preserved the history of slavery as a reference for the construction of our identity and leave in forgetfulness the contribution of black people in the Brazilian society. Information professional/librarian may contribute with the reconstruction of marginalized groups through the selection and transmission of memory and information.

Keywords: Memory. History. Public Library. Black identity.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo da História única**. Disponível em: http://www.ted.com/talks/lang/por_pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html. Acesso em: 2 dezembro 2009.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GENNARI, Emilio. **Em busca da liberdade**: traços das lutas escravas no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 2005.



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História:** revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo, n.10, p. 7-28, dez. 1993.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: FGV, v. 5, n.10, p.200- 2012,1992.